

Barril de pólvora

ELIANE CANTANHÊDE

RIO — A frustrada "operação voto útil", em favor do tucano Mário Covas, articulada por cinco governadores, é o prenúncio de como deverá ser o terceiro turno do PMDB na sucessão presidencial: complicadíssimo, com escassas possibilidades de consenso. Nesse primeiro turno, Ulysses Guimarães tornou-se candidato sob a resistência de boa parte do partido, principalmente os governadores. No segundo, amargou baixos índices nas pesquisas ao longo de toda a campanha. No terceiro, vai tentar patrocinar uma improvável posição consensual para o enday after.

No dia 15, ao som dos primei-



ros resultados das urnas, Ulysses já estará reunido com o vice Waldir Pires e vários governadores, em Brasília, para discutir a posição do PMDB. O governador do Rio, Moreira Franco, acha que a única perspectiva de um razoável consenso é "ideologizar" as discussões sobre o candidato preferido no segundo turno — não o do partido, mas o real, das eleições. Do contrário, as questões regionais vão inviabilizar qualquer unidade a nível nacional.

"Ideologizar", neste caso, significa avaliar o perfil ideológico das duas candidaturas finais e usar as conclusões para justificar a aglutinação do partido numa só direção. O perfil dos candidatos, contudo, varia de acordo com alguns cruzamentos prováveis do segundo turno: Collor empurraria Brizola para a esquerda e, portanto, receberia automaticamente o indesejável carimbo de direita; Lula puxaria Collor para o Centro, numa posição muito mais aprazível para os estrategistas do PRN — que, aliás,

não gostam de pensar na hipótese Covas versus Collor.

Na semana passada, Moreira Franco recebeu um telefonema de seu colega do Rio Grande do Norte, Geraldo Mello. Ao escutar a proposta de uma união a favor de Covas, o governador do Rio reagiu prontamente: "Estou fora dessa." Sua posição é fincar pé na candidatura de Ulysses "até o dia 15, às 18 horas", enquanto segue sonhando, sem confessar, com o apoio a Collor.

Como Moreira, também Orestes Quêrcia (SP) e Miguel Arraes (PE) torceram o nariz — para dizer o mínimo — às articulações pró-Covas. Entretanto, se Moreira caminha para Collor, Quêrcia parece namorar Brizola e Arraes preferiria Lula. Chegar a um consenso, pelo menos entre os três, parece algo impossível. Em política, no entanto, nada parece impossível para Ulysses Guimarães — só ganhar a primeira eleição presidencial direta em 29 anos.

Collor já confidenciou a interlocutores secretos que não descarta uma aliança do PMDB com o PSDB para, além do apoio no segundo turno, garantir-lhe uma folgada margem de apoio parlamentar, caso eleito. As mágoas e seqüelas entre a "matriz" e a "filial" parecem inviabilizar qualquer aliança bem-sucedida. Muito menos pró-Collor.

Ulysses e o PMDB continuarão batendo na tecla de que Covas e o PSDB foram "traidores" por fundarem a nova sigla prematuramente, sem esgotar todos os testes de força no âmbito do próprio PMDB. E Covas e seu PSDB poderão passar a usar de uma acusação que, com ou sem razão, terá um certo apelo interno entre os tucanos: a de que só perderam a eleição porque Ulysses se recusou terminantemente a promover a fusão de forças e votos. Recomenda-se a leitura de um livro de Ruth Rocha: "Dois idiotas sentados num barril". O barril era de pólvora. Ambos explodiram.